

PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE *QUARTO DE DESPEJO*,
DE CAROLINA MARIA DE JESUS:
RELAÇÕES PUBLICITÁRIAS, CONTEXTUAIS E EDITORIAIS

Elzira Divina Perpétua*

RESUMO:

A pesquisa sobre Quarto de despejo, abrangendo o contexto brasileiro, os textos de reportagens e o cotejo entre os manuscritos e o diário publicado, levou-nos a inferir que sua recepção deveu-se a mecanismos publicitários, editoriais e ideológicos que nortearam a seleção dos trechos editados, sobre os quais foi composto um perfil predeterminado da autora.

PALAVRAS-CHAVE: *diário, editoração, edição, manuscrito, paratexto.*

A tese de Doutorado que apresentamos sob o título *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo* comporta parcialmente a concretização de uma pesquisa iniciada durante o Mestrado, quando *Quarto de Despejo* (Jesus, 1960) revelou-se uma exceção em meio à insignificante projeção das obras autobiográficas então selecionadas na pesquisa que culminou na dissertação final (Perpétua, 1993). Questionamos as razões do êxito de vendas do diário de Carolina no Brasil, com dez edições sucessivas em 1960, sem precedentes na história editorial brasileira até então (Hallewell, 1985), bem como sua projeção no exterior, tomando por base o número significativo de idiomas para os quais foi traduzido: dinamarquês, holandês, alemão, francês, inglês, checo, italiano, japonês, castelhano, húngaro, polonês, sueco, romeno e russo. A carência de trabalhos da crítica especializada, não apenas sobre o enfoque editorial como um todo, mas especificamente sobre a obra de Carolina, foi o propulsor do desejo de conhecer mais sobre essa autora e seus diários. Deve-se acrescentar, contudo, que as justificativas de cunho acadêmico são conseqüências de um encantamento que preexiste à pesquisa, misto de comoção e prazer, o "prazer do texto", proporcionado pela poética de *Quarto de Despejo*.

* Doutora em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Comparada), 2000.

Historicamente, o êxito do diário de Carolina pode ser explicado junto às causas que confluíram para o aparecimento de um modelo de sujeito que divergia da imagem do escritor de renome e de textos então canonizados pela instituição literária. Sabe-se que, no limiar dos anos 60, o mundo passa a ouvir as vozes das chamadas minorias sociais – entre outros, negros, homossexuais, prisioneiros, operários, mulheres –, também como produtores de escrita, não raras vezes, de cunho autobiográfico.

Carolina de Jesus – mulher, negra, dois anos incompletos de escola, moradora de favela, mãe solteira de três filhos, cada um de um pai – surgiu no clamor das reivindicações sociais das minorias num momento especial da vida brasileira, em que, às lutas populares pela mudanças do modelo econômico, alia-se a busca de alguns intelectuais pela valorização das raízes nacionais.

O texto de Carolina dá a ver um ambiente urbano pouco conhecido então – a favela. Escrito por quem testemunha a miséria dia após dia e é capaz de torná-la objeto de uma narrativa sob um ângulo novo, o diário apresenta o modo de vida da população excluída socialmente. Nota-se porém que, ao retratar o sofrimento coletivo dos favelados, o diário apresenta uma peculiaridade em sua linguagem: entre outras, as marcas de uma narrativa ímpar, consistente, sagaz, seja na utilização dos aspectos conotativo e polissêmico das palavras, seja na capacidade de descrever a miséria plasticamente, artisticamente.

A avaliação das condições de recepção de *Quarto de Despejo* no Brasil levou-nos a retomar a leitura proposta no Mestrado e considerar novamente os ângulos dos textos que apresentam o diário – o chamado paratexto, na acepção de Genette – junto com a análise do contexto brasileiro do final dos anos 50 e início dos 60. Textos e contexto acabaram por encaminhar a pesquisa ao estudo do processo editorial que transformou os cadernos de Carolina de Jesus num exemplar de tamanho êxito. A exceção representada pelo diário de Carolina guiou-nos, naturalmente, para a verificação das apresentações de suas traduções. A leitura dos manuscritos, por sua vez, e a análise dos trechos selecionados para publicação levaram-nos a observar a grande quantidade de material dispensado no processo; na seqüência, o cotejo do livro com os manuscritos tornou-se praticamente obrigatório.

O levantamento e a análise do vasto material que cerca a produção e o percurso social de *Quarto de Despejo* transformaram-se, assim, no objetivo geral de

nosso trabalho. Valemo-nos, portanto, do texto do diário de Carolina como ponto de referência central em torno do qual circula uma série de outros textos e injunções ideológicas e contextuais que conformam sua publicação.

O texto do prefácio de *Quarto de Despejo* vai narrar parcialmente a história de vida de dois personagens e mostrar um imbricamento que culminou com a publicação do livro, uma responsabilidade creditada a ambos: à autora dos manuscritos, Carolina Maria de Jesus, que fez o registro de seu cotidiano, descrevendo a rotina de uma vida miserável e reconstituindo na escrita as reflexões e os sonhos que a moviam, e a Audálio Dantas, que, de posse dos manuscritos, procedeu a um minucioso trabalho de editoração, preparando os originais para a publicação.

Os meandros da produção desse diário, porém, revelam peculiaridades tais que o estudo dessa parceria torna obrigatória a análise dos mecanismos que caracterizam a transformação dos manuscritos no livro *Quarto de Despejo*. Além disso, o texto do prefácio oferece outras nuances que interessam ao estudo de *Quarto de Despejo*, quais sejam, um direcionamento da leitura que aponta para um modelo prefigurado de Carolina de Jesus. Assim, buscamos no estudo do paratexto, especialmente no prefácio assinado por Audálio Dantas, as informações que elucidassem os modos sobre os quais foram engendrados os mecanismos que confluíram não só para os processos de gestação como também para os de recepção desse livro.

Como parte da paisagem urbana que se modificava conforme o desenrolar dos acontecimentos sociais e políticos da época, a história de Carolina despertou o interesse da imprensa, desde que *Quarto de Despejo* foi esboçado em 1958. Jornais e revistas que passaram a acompanhar a trajetória da trapeira escritora revelam-se uma fonte de pesquisa inquestionável para o entendimento das repercussões de seu livro. Dessa maneira, o epíteto relacionado ao primeiro livro de Carolina compõe um jogo intertextual que, abrangendo matérias em jornais e revistas (e também os programas de rádio e televisão e as palestras públicas de Carolina em teatros, escolas e grêmios, mencionados no diário), precede, acompanha e continua após o lançamento de *Quarto de Despejo*. A leitura das reportagens, principalmente as que precedem o livro e as que se seguem imediatamente ao lançamento, fornecem subsídios para a análise das estratégias de recepção de *Quarto de Despejo*. Além delas, *Casa de Alvenaria*, o

segundo diário de Carolina, publicado em 1961, em cujos registros a autora narra o dia-a-dia que envolve o lançamento de seu primeiro livro e as conseqüências da notoriedade obtida a partir daí, constitui um epitexto de *Quarto de Despejo. Casa de Alvenaria* preenche registros de maio de 60 a maio de 61, e trata em sua maior parte de registrar diariamente o êxito do primeiro livro não somente em território nacional como também em alguns países. O epitexto se estenderia, ainda, a todos os outros livros de sua autoria, cujos textos preliminares nunca deixam de reverenciar a história de *Quarto de Despejo*. Trata-se de *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1963), e dos póstumos *Diário de Bitita* (1986), *Meu estranho diário* (1996) e *Antologia Pessoal* (1997), inclusive as traduções de *Casa de Alvenaria* e do *Diário de Bitita*.

A atenção aos elementos que formam o paratexto e o epitexto de *Quarto de Despejo*, por sua vez, remete naturalmente ao contexto histórico, que se destaca como condição indispensável para a compreensão dos mecanismos de produção desse diário e das causas ideológicas de seu sucesso. Embora o debate histórico esteja fora do nosso foco de análise, não poderíamos deixar de mencionar alguns aspectos da vida brasileira na época, com o fim de apresentar o terreno que favoreceu o surgimento e o sucesso de um livro como esse, que fugia aos padrões convencionados pela estética literária.

A importância do paratexto da primeira edição de *Quarto de Despejo* como um dos veículos direcionadores do diário de Carolina estendeu nosso interesse ao estudo do paratexto das traduções, notadamente no que se refere ao título que a obra adquire em cada idioma e ao discurso dos textos liminares, em especial, do prefácio do tradutor.

Em todos esses circuitos, deparamos a figura de Audálio Dantas, o jornalista que avaliou os manuscritos de Carolina como matéria publicável, que a lançou como escritora na imprensa através das reportagens e assinou o prefácio de *Quarto de Despejo*. Por fim, Audálio está presente na própria produção do livro, como o editor que preparou os cadernos de Carolina para publicação.

Tanto o epitexto, quanto o paratexto e o próprio texto de *Quarto de Despejo*, portanto, vão oferecer ao público uma visão de Carolina de Jesus filtrada por Audálio Dantas: além de incentivá-la a retomar o diário quando a conheceu, em 1958, ele o divulgou em doses precisas, em reportagens que serviam tanto para

estimular Carolina quanto para testar a recepção da público; no prefácio, ao apresentar o texto, direcionou a atenção do leitor para a importância do livro como arma de denúncia coletiva; no diário, por fim, sua presença se faz explícita nas marcas de corte que deixou assinaladas no texto.

É essa imagem de Carolina que correu mundo nas traduções que se seguiram quase imediatamente ao sucesso de *Quarto de Despejo* no Brasil. Ao chamar a atenção para o caráter testemunhal do livro, o paratexto das traduções dos anos 60 mostram que a introdução do livro em cada cultura se fez pelo pioneirismo de conter o discurso de um sujeito representativo de minorias que se apresentava por meio da escrita. Aos fatores contextuais e culturais, junta-se a representatividade de Carolina como mulher, negra, favelada, oriunda de um país subdesenvolvido, ou seja, como parte de um segmento social que não tinha, então, voz própria e, raras vezes, acesso à escrita.

Assim, pode-se dizer que tanto no Brasil quanto no exterior, o acolhimento a *Quarto de Despejo* deveu-se a uma mudança de interesse do público voltado para textos produzidos por um Outro que recentemente passou a ser representado. Contudo, entende-se que essa aceitação deveu-se a uma convergência de fatores contextuais, publicitários e editoriais que marcaram a primeira edição brasileira, organizada por Audálio Dantas, a partir da qual se conformaram as traduções.

Por outro lado, a leitura cotejada dos manuscritos de *Quarto de Despejo* com o respectivo livro veio confirmar a hipótese de que o processo de editoração, dado o grande número de supressões e o critério seletivo do editor, o transformou num outro texto. Nosso interesse voltou-se para o estabelecimento de um prototexto que evidenciasse o processo de construção do diário publicado e as razões lógicas e ideológicas que conduziram aos acréscimos e às substituições e supressões.

Devido à quantidade e qualidade do material que foi desprezado na produção do livro, foi possível organizar, a partir daí, outras hipóteses de leitura que nos apresentam faces de Carolina diversas da imagem apresentada na edição do livro. Dada a proliferação do discurso da escritora em várias direções, foi necessário que se fizesse um recorte analítico, em que privilegiamos suas meta-reflexões a respeito das reportagens, do papel de Audálio Dantas e da escrita dos diários e de outros textos.

A análise dos manuscritos, no segundo momento desta pesquisa, ofereceu portanto a oportunidade de verificar de que forma Carolina de Jesus estruturou-se como sujeito discursivo em seu texto em comparação com aquele editado por Audálio Dantas. A leitura dos manuscritos, tomados com o objetivo de esclarecer o processo de editoração pelo qual passaram ao serem transformado em livro, vai, de certa forma, retomar algumas aspectos já referidos na análise do paratexto e do epitexto que acompanham as edições. A opção por esse caminho, ao final, levou nossa análise a uma circularidade intencional, uma vez que nosso estudo acabou por propor dois níveis de análise, em que o segundo, graças à contribuição dos manuscritos, relê o primeiro, constituído pelo livro publicado, e o amplia.

Assim, através das anotações de Carolina em seus cadernos, primeiramente refizemos os caminhos tomados pelos textos jornalísticos sobre a escritora. Descobrimos nos manuscritos os ecos da opinião pública sobre as reportagens, além da figura sempre presente de Audálio Dantas, incentivando Carolina, divulgando seu nome e, mais tarde, seu livro. Do ponto de vista do epitexto, pode-se tomar Carolina como uma personagem que vinha sendo construída pelo jornalista através de reportagens, por cuja repercussão ele ia tomando conhecimento da reação do público. Como os antigos folhetins, as reportagens seduziram os leitores para o enredo do diário e os prenderam até o clímax do lançamento do livro.

Também examinamos e cotejamos textos de jornais e revistas, bem como do livro com o manuscrito de Carolina, buscando compreender os parâmetros que guiaram Audálio Dantas como jornalista na apresentação de Carolina e como editor dos cadernos na confecção do livro. Nessa averiguação, notamos dois caminhos, em que a opção de Carolina pouco coincide com a de Audálio Dantas quanto à escrita do diário.

Em relação a Audálio, a análise dos manuscritos mostrou que a escrita individual de Carolina foi moldada no livro com o fim de estabelecer uma imagem ideologicamente coerente com o modelo configurador de um sujeito a quem era dada uma voz de protesto contra o modelo econômico brasileiro então vigente. Para compor essa imagem, o editor dos manuscritos declinou de várias outras apresentadas por Carolina em seus cadernos. Neles descobrimos uma Carolina inédita nas páginas do diário, configurada por uma personagem complexa, atormentada, dividida por suas contradições.

Vemos de que modo ela se debruça diariamente sobre seus cadernos não apenas para registrar a efervecência da favela, mas para refletir sobre a realidade em que vivia e, sobretudo, para registrar suas interrogações sobre a linguagem poética e extravasar na escrita do cotidiano os sonhos de escritora de que se alimentava. Nesses últimos está manifesto o desejo de ser reconhecida não como escritora do diário da favela, mas como poeta. Na leitura dos manuscritos, vamos compondo uma outra imagem de Carolina, a que ela quer que se conheça, a que é vencida pelo peso do que ela denomina "pensamento poético". O que Carolina compreende por poético é uma exigência que preexiste à literatura como tal, mas que ela busca conformar à retórica romântica e a uma linguagem elevada que ela denomina "português clássico". À valorização dessa "estética de salão" contrapõe-se a "estética do lixo", percebida pela escritora como "pornografia" no seu diário sobre a favela, que ela abominava por não ver nele matéria digna de ser apreciada como manifestação de prazer estético.

No ano seguinte à publicação, entre várias declarações contraditórias sobre o agenciamento de seu sucesso, Carolina teria dito a um jornalista, a respeito da glória que alcançara: "Triste glória que não me deixa ter vontade própria. Quero ser eu. Fizeram-me desviar de tudo que pretendia quando morava na favela e ansiava deixar o barraco. O que sou agora? Um boneco explorado e me recuso a isso". (Loyola, 1961: 8)

Carolina teria tomado consciência de que seu relato sobre a favela, contra tudo o que sonhara para si própria como poeta, alcançara tamanho êxito porque, amparado pelos recursos editoriais e publicitários da época, transformou-se em apelo coletivo de uma classe de oprimidos. Mas, para além das considerações sociológicas suscitadas pelo livro, é sob a tripla condição de opressão – pobre, mulher e negra (além de mãe solteira) –, que Carolina firma-se por meio de sua escrita como sujeito de si mesma, buscando orientar-se em meio a dificuldades de toda ordem. E é nesta poética que ela nunca compreendeu que a encontramos – a poética do lixo e toda a força dramática que ela comporta.

Com a apresentação dos resultados dessa pesquisa (Perpétua, 2000), esperamos estar contribuindo para algumas áreas do conhecimento que se abrigam sob os estudos comparados, como o estabelecimento das inter-relações entre tradução e contextos literário-culturais diversos e o estudo do aparato discursivo paratextual

e seu reflexo nos textos publicados e traduzidos de Carolina de Jesus. Sob o aspecto metodológico, esperamos estar propondo um enfoque original de estratégias de leitura que evidenciam o papel dos agenciamentos editoriais e ideológicos e condicionam a edição e tradução de um texto nos contextos culturais pelos quais circula.

ABSTRACT:

My research on Quarto de Despejo included the Brazilian context, newspaper articles and a comparison of the manuscripts and the published diary. I was led to infer that Carolina's reception was influenced by editorial and ideological publishing "mechanisms" which interfered on the selection of the published passages and predetermined a profile of the author.

KEY WORDS: diary, editing, edition, manuscript, "paratexto".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Carolina de Jesus publicadas no Brasil:

Quarto de despejo. São Paulo: Francisco Alves, 1960; Ática, 1993.

Casa de alvenaria. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

Pedaços da fome. São Paulo: Aquila, 1963.

Provérbios. São Paulo: Luzes, [196-]

Diário de Bitita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Meu estranho diário. São Paulo: Xamã, 1996. (Org. José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine)

Antologia pessoal. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. (Org. José Carlos Sebe Bom Meihy)

Traduções de *Quarto de Despejo*

Lossepladsen. Trad. Borge Hansen. [s.l.]: Fremad, 1961.

Barak nr. 9: Dagboek van een Braziliaanse negerin. Trad. J. Van Den Besselaar e Van Der Kallen. Arnhem: Van Loghum Slaterus, 1961.

Quarto de Despejo: diário de uma mulher que tinha fome. Trad. Beatriz Broide de Sahoaler. Buenos Aires: Editorial Abraxas, 1961. (4ª ed. 1962)

Le Dépotoir. Trad. Violante do Canto. Paris: Stock, 1962. (2ª ed. 1965)

Tagebuch der Armut: Aufzeichnungen ein *Tagebuch der Armut*: Das Lieben in einer brasilianischen Favela. 7. ed. Trad. Johannes Gerold. Göttingen: Lamuv, 1993. (1ª ed. 1983, Copyright Christian Wegner Verlag, com a permissão de Nymphenburger Verlagsbuchhandlung, de Munique)

Skräpkammaren: Dagboksanteckningar av Carolina Maria de Jesus. Trad. Bengt Kyhle. Stockholm: Tidens, 1962.

Smetiste: Deník zeny z favely. Trad. Vlasta Havlínová. Praha: Nakladatelství Politické Literatury, 1962.

São Paulo, Strada A, nr.9. Trad. Romulus Vulpesco. Bucaresti: Editura Pentru Literatura Universală, 1962.

Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus; the story of slum life in São Paulo that explodes as a vivid and terrifying social document. Trad. David St. Clair. London: A Four Square Book, 1964. (1ª ed. 1962, Copyright 1962 E. P. Dutton, New York, e Souvenir Press, London)

Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus. Trad. David St. Clair. 6. ed. New York: New American Library, [1962?]. (Copyright 1962 E. P. Dutton, New York, e Souvenir Press, London)

Karonina nikki. Trad. Nabuo Hamaguchi. Tokio: [s.n.], 1962. ("Japanese translation rights arranged through Charles E. Tuttle Co., Tokyo")

Zycie na Smietniku. Trad. Helena Czajka. Warszawa: Czytelnik, 1963.

Aki átment a szivárvány alatt: Egy barakklakó naplója. Trad. Hargitai György. Budapest: Kossuth Könyvkiadó, 1964.

Quarto. Milano: Valentino Bompiani, 1962.

La favela: casa de desahogo. Havana: Casa de las Américas, 1965. (reimpresso em 1969)

Referências Teóricas

DANTAS, Audálio. Retrato da favela no diário de Carolina. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 36, p.92-98, 20 jun. 1959.

_____. Da favela para o mundo das letras. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n.48, p.148-152, 10 set. 1960.

Folha da Noite, São Paulo, 9 maio 1958 (Arquivo *Folha de São Paulo*)

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987. 377 p.

HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil*: sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lélío Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP/T.A. Queiroz, 1985. Cap. 11: Francisco Alves, p. 197-220.

IGNÁCIO DE LOYOLA. Estou cansada de tudo. *Última Hora*, 20 mar. 1961, p.8.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. Escritoras negras: buscando sua história. In: *Encontro Nacional da Anpoll-GT A mulher na literatura*, 4, 1989, São Paulo [Anais] Belo Horizonte: UFMG, 1990, v.3, p.42-55, 1990. (Org. Nádya Battella Gotlib)

MUZZI, Eliana Scotti. Paratexto, espaço do livro, margem do texto. *Viva Voz*. Editoração, arte e técnica. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.2, 1996, p. 7-10.

NESTROVSKY, Arthur. A editoração como crítica. *Folha de São Paulo. Caderno Mais!*, 12 jun. 1996, p.3.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *Solos e litorais da escrita: uma leitura de memórias de marginais*. 1993. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. Entrevista com Audálio Dantas, abril 1994. (inédita)

_____. No território marginal da escrita; *O Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. In: IV CONGRESSO DA ABRALIC - ANAIS, 1994, São Paulo. *Literatura e Diferença*. São Paulo: ABRALIC, p.275-277.

_____. O diário como gênero literário: *O Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. *Lácio*; Revista de Letras do Unicentro Newton Paiva. Belo Horizonte, v.1, n.1, p.7-19, nov. 1999.

_____. *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*. 2000. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.

PLATT, Kamala. Race and gender representations in Clarice Lispector and Carolina Maria de Jesus. *Afro-Hispanic Review*, v.11, n.1-3, 1992, p.51-57.

SALAZAR, Claudia. A third world woman's text: between the politics of criticism and cultural politics. In: GLUCK, Sherna Berger, Patai, Daphne (Org.). *Women's words; The feminist practice of oral history*. New York and London: Routledge, 1991. 234p.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 94p. (Coleção Brasil: os anos de autoritarismo)

VENUTI, Lawrence (Ed.). *Rethinking translation: discourse, subjectivity, ideology*. London, New York: Routledge, 1992.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres brasileiras*. 1992. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte. (Inédita)

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (*O Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus). In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.204-213.